

INTERNET(ÊS): (RE)CONFIGURAÇÃO DE SUBJETIVIDADES***INTERNET(ÊS): (RE)CONFIGURATION OF SUBJECTIVITIES****Fernanda Correa Silveira Galli¹**

RESUMO: O objetivo deste artigo é abordar o imaginário do sujeito escrevente sobre o que é a modalidade de escrita da língua, a partir da análise da descrição de comunidades no *site* de relacionamentos *orkut*. Ao escrever para um leitor quase sempre desconhecido, o sujeito se (re)vela numa narrativa em que o imaginário atravessa a (re)construção de um ‘eu’, numa alteridade ilimitada, num jogo de ilusões, apontando para a (re)configuração de subjetividades. O pressuposto que norteia esta discussão é de que o sujeito pertencente a comunidades que *odeiam o internetês* ou que *amam escrever certo* – como “Eu escrevo certo em português”, “Salve a Língua Portuguesa!”, “Eu me recuso a escrever errado”, “Nossa Língua Portuguesa”, “Internetês-Letras”, “Adoro escrever CERTO”, dentre outras – tem como referência institucionalizada o uso da norma culta padrão da língua portuguesa, em especial, quando se trata de textos escritos, embora sua forma de escrever nem sempre, ou quase nunca, corresponda ao próprio imaginário.

PALAVRAS-CHAVE: internet, *orkut*, escrita, língua, imaginário.

ABSTRACT: The objective of this article is to approach the imaginary of the subject clerk on what is the modality of writing of the language, starting from the analysis of the description of communities on the site of relationships *orkut*. When writing for a reader almost always unknown, the subject reveal in a narrative in that the imaginary crosses the (re)construction of a ‘me’, in a limitless “alteridade”, in a game of illusions, appearing for the (re)configuration of subjectivities. The presupposition that orientates this discussion is that the subject belonging to communities that *hate the internetês* or that *love to write certain* – as “Eu escrevo certo em português”, “Salve a Língua Portuguesa!”, “Eu me recuso a escrever errado”, “Nossa Língua Portuguesa”, “Internetês-Letras”, “Adoro escrever CERTO”, among others – has as institutionalized reference the use of the norm educated pattern of the Portuguese language, especially, when it is written texts, although his form of writing not always, or hardly ever, correspond to the own imaginary.

KEYWORDS: internet, *orkut*, writing, language, imaginary.

* Uma primeira versão deste texto foi apresentada, oralmente, no Simpósio “Não ao internetês: estudos sobre a linguagem no *orkut*”, no 54º Seminário do GEL – Araraquara, 2006.

¹ Doutoranda em Linguística Aplicada, no Instituto de Estudos da Linguagem, da Universidade Estadual de Campinas (DLA/IEL/UNICAMP) – fcsgalli@hotmail.com.

... a subjetividade é essencialmente fabricada, modelada, consumida (Guattari & Rolnik, 1986 [2005, p.33]).

Enquanto rede social, o *orkut* se mostra como um espaço em que se fazem presentes os mais variados processos de subjetivação e (re)apresentação, na medida em que, ao escrever para um leitor quase sempre desconhecido, o sujeito se (re)vela numa narrativa em que o imaginário atravessa a (re)construção de um 'eu', numa alteridade ilimitada. Nosso objetivo, então, é abordar o imaginário do sujeito escrevente sobre a modalidade de escrita da língua, a partir da descrição de comunidades a respeito da língua portuguesa. Acreditamos que tanto o sujeito quanto os sentidos estão em constante movimento: são sempre os mesmos e sempre outros, possibilitando (nesse mesmo e diferente) a manifestação de suas identidades, que são construídas a partir de regimes de verdade (FOUCAULT, 1971 [2003]²). Com base nas idéias foucaultianas, podemos afirmar que o sujeito de identidades constitui-se “por disciplinas e regimes específicos, ligados aos vários campos da existência, os quais engendram, historicamente, uma arte do corpo, fazendo das relações de poder as predominantes na definição dessas identidades, configurando seus modos de subjetivação” (CAMPILONGO, 1999, p.64).

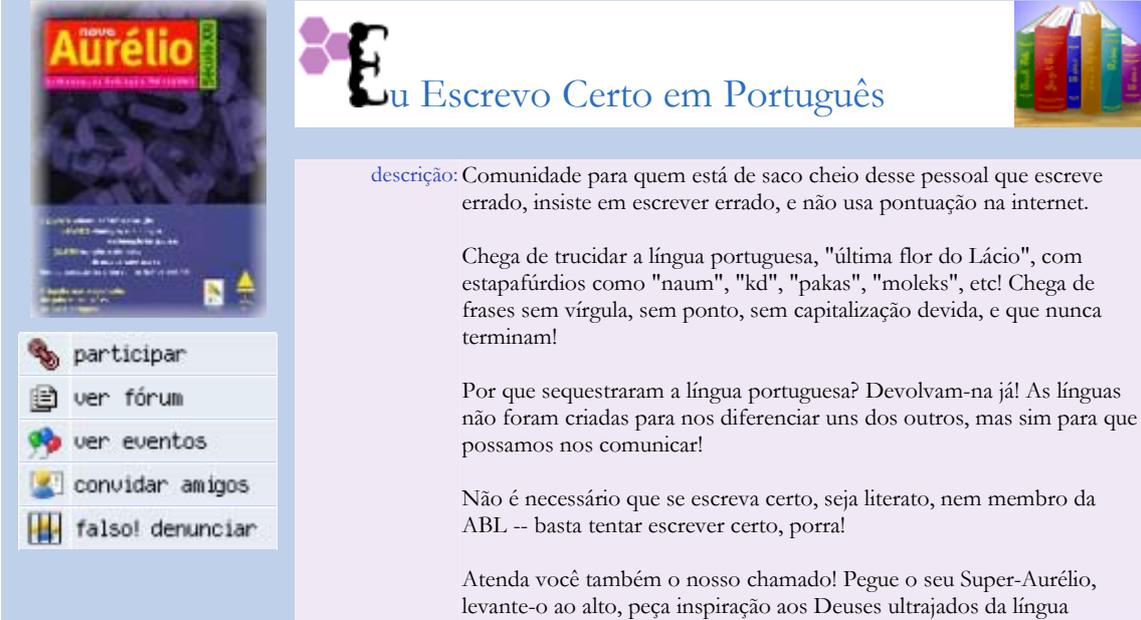
Pensar o processo de subjetivação para além das identidades institucionais e culturais nos permite pensar na (re)criação constante do sujeito. Nesse sentido, abordar a(s) identificação(ões)³ do sujeito a partir da escrita (comentários encontrados nas comunidades do *orkut*) implica em apontar o lugar da completude imaginária, da ilusória unicidade de processos identitários, dos momentos de identificação que estão sempre se movimentando e se modificando (CORACINI, 2003, p.150-1). Considerando as fronteiras movediças do texto e a incompletude do sentido, vislumbramos, pois, o sujeito movido pelo consumo das relações no *orkut* e seduzido pelas possibilidades de estabelecer novos vínculos com o mundo e com o outro, num espaço (des)territorializado em que a vontade (ou necessidade) de pertencer a uma comunidade “representa um abrigo em relação aos efeitos da globalização em todo o planeta”, (BAUMAN, 2005, p.12).

² A primeira data corresponde à publicação da obra original; a segunda, entre colchetes, diz respeito à data de publicação da obra utilizada neste artigo.

³ O uso do termo identificação parece mais produtivo que identidade por remeter à idéia de (re)construção, de algo que não existe em si mesmo, mas no deslocamento, por meio da relação com outro, considerando a multiplicidade de discursos e de dizeres que constitui o sujeito.

Adotamos, pois, como ponto de vista teórico, a abordagem discursiva de sentido e de sujeito, cujo postulado se baseia na idéia de que os sentidos de todo e qualquer discurso são constituídos no interdiscurso – visto como o conjunto do dizível (já-ditos, memória, formado por outros discursos), que estabelece o que pode ser ideologicamente formulado num determinado discurso (PÊCHEUX, 1988 [2002]). Quanto à concepção de sujeito, situamo-nos na interface entre a análise de discurso e a psicanálise, que o compreendem na sua heterogeneidade e na sua contradição, cindido e descentrado em sua estrutura (CORACINI, 2003).

Para nossa discussão, poderíamos relacionar inúmeras comunidades com suas descrições e tópicos sobre a ‘preservação’ da língua portuguesa, nas quais notamos os dizeres se (des)costurarem como fios que apontam para os equívocos e lacunas da língua, bem como para a inscrição do sujeito (membros) no discurso. No entanto, delimitamos nossas reflexões nas descrições das comunidades: “Eu escrevo certo em português”, “Salve a Língua Portuguesa!”, “Eu me recuso a escrever errado”, a partir das quais focalizamos as representações⁴ construídas pelo sujeito sobre a língua escrita, bem como as incidências na constituição da(s) identidade(s). Vejamos a Figura 1, abaixo:



The image shows a screenshot of a website titled "Eu Escrevo Certo em Português". On the left, there is a sidebar with a book cover for "Aurélio" and a menu with the following items: "participar", "ver fórum", "ver eventos", "convidar amigos", and "falso! denunciar". The main content area has a header with a large letter 'E' and the title "Eu Escrevo Certo em Português". Below the header, there is a description of the community, followed by a paragraph of text, and then a paragraph of text. At the bottom, there is a call to action.

descrição: Comunidade para quem está de saco cheio desse pessoal que escreve errado, insiste em escrever errado, e não usa pontuação na internet.

Chega de trucidar a língua portuguesa, "última flor do Lácio", com estapafúrdios como "naum", "kd", "pakas", "moleks", etc! Chega de frases sem vírgula, sem ponto, sem capitalização devida, e que nunca terminam!

Por que sequestraram a língua portuguesa? Devolvam-na já! As línguas não foram criadas para nos diferenciar uns dos outros, mas sim para que possamos nos comunicar!

Não é necessário que se escreva certo, seja literato, nem membro da ABL -- basta tentar escrever certo, porra!

Atenda você também o nosso chamado! Pegue o seu Super-Aurélio, levante-o ao alto, peça inspiração aos Deuses ultrajados da língua

⁴ O conceito de representação em que nos sustentamos deriva da teoria cultural pós-estruturalista que salienta a sua dimensão de significante, mencionando que se refere (como qualquer sistema de significação) a uma construção do real e, conseqüentemente, a uma forma de atribuição de sentido (HALL, 2005; SILVA, 2000 *apud* GRIGOLETTO, 2003).

	portuguesa e, <pa!>, dê na cabeça de qualquer um que escreva essas barbaridades!
	Povo que foi a escola, uní-vos!
	Use o <pa!> em todos os lugares possíveis, simbolizando o seu golpe solidário de dicionário na testa dos ignoramus.
	PS: há 5 erros
	dono: Moderador Língua Portuguesa
	criado em: 18 de Junho de 2004
	membros: 20.094

Figura 1: <http://www.orkut.com/Community.aspx?cmm=1665925> – (Acesso em 27/04/2006)

Na descrição da comunidade “Eu escrevo certo em português”, alguns enunciados apontam para uma memória discursiva que faz parte do discurso típico escolar, que muitas vezes reduz todo o processo de aprendizagem da língua portuguesa à assimilação da norma culta padrão. Nota-se que a concepção de escrita errada se pauta em justificativas como: ‘não usar pontuação’, ‘frases sem vírgula e sem ponto’, ‘não escrever palavras como “naum”, “kd”, “pakas”, “moleks”’, que parecem ecoar das recomendações de professores e de métodos tradicionais em discursos como “saber português é escrever corretamente”, “saber a ortografia e as regras gramaticais da língua”, “saber usar pontuação”, entre outros. Segundo Possenti (2006), esse imaginário, que faz com que muitos identifiquem língua (portuguesa, no nosso caso) com língua escrita, é reforçado quando se discute grafia ou quando, por outros motivos, ela ocupa o primeiro plano. Para muitos conservadores, assim como a questão dos estrangeirismos, a invasão de uma ‘nova’ linguagem como o internetês – conhecido como o português digitado na rede, cuja escrita foge ao padrão da norma culta – poderia também ameaçar a sobrevivência da língua portuguesa, já que está tomando conta dos textos de alunos na escola e se alastrando dia-a-dia na comunicação via internet (*orkut, e-mails, chats, etc.*).

Essa memória também ressoa na descrição acima e se faz presente na utilização dos verbos: a) trucidar (‘chega de trucidar a língua portuguesa’), como se os escreventes estivessem matando barbaramente, com crueldade, a língua e ela corresse o risco de não mais existir; e b) seqüestrar (‘seqüestraram a língua portuguesa’), no sentido de que a língua – um bem que precisa ser preservado – está sendo isolada, como num crime ilegal. Isso não seria mais um dos mitos que povoam o imaginário de professores, pais de alunos e falantes da língua? Ou uma tentativa de homogeneização e uniformização da língua? Ou aquela (velha) crença generalizada, baseada nas gramáticas racionais, de que há uma única língua, correta e primorosa, que deve ser utilizada para toda e qualquer situação de uso e para

todos os falantes? Ou, ainda, uma visão simplista, e talvez já sacralizada pelos falantes, de que saber a língua é dominar a ortografia das palavras e as regras gramaticais?

Com base em Corrêa (2004) – que discute a institucionalização de certa representação da escrita e, por conseqüência, da língua(gem)⁵ – Komesu (2007, p.6) aponta que o escrevente (sujeito do meio digital), fundado numa percepção do *código escrito institucionalizado*, julga-se preparado para expor sua opinião “sobre a importância da permanência [do código] no espaço institucional, sobre a necessidade de aprendizado da língua padrão”, o que aponta para a visão tradicional da escrita que perpetua, ainda, muitos manuais escolares e que desconsidera a heterogeneidade constitutiva da língua(gem). Essa visão, totalmente atrelada ao conhecimento da norma padrão (grafia, gramática, etc.), aparece, também, na descrição da comunidade “Salve a Língua Portuguesa!”, como podemos observar na Figura 2:

FIGURA 2: <http://www.orkut.com/Community.aspx?cmm=1665925> – (Acesso em 27/04/2006)

Outro imaginário sobre como escrever ‘certo’ está baseado na utilização do dicionário, conforme também aparece na descrição de “Eu escrevo certo em português” (Figura 1 – ‘Pegue o seu Super-Aurélio’) e “Salve a Língua Portuguesa!” (Figura 2 – ‘procure no dicionário’). Novamente, saber a língua se resume em dominar a grafia oficial –

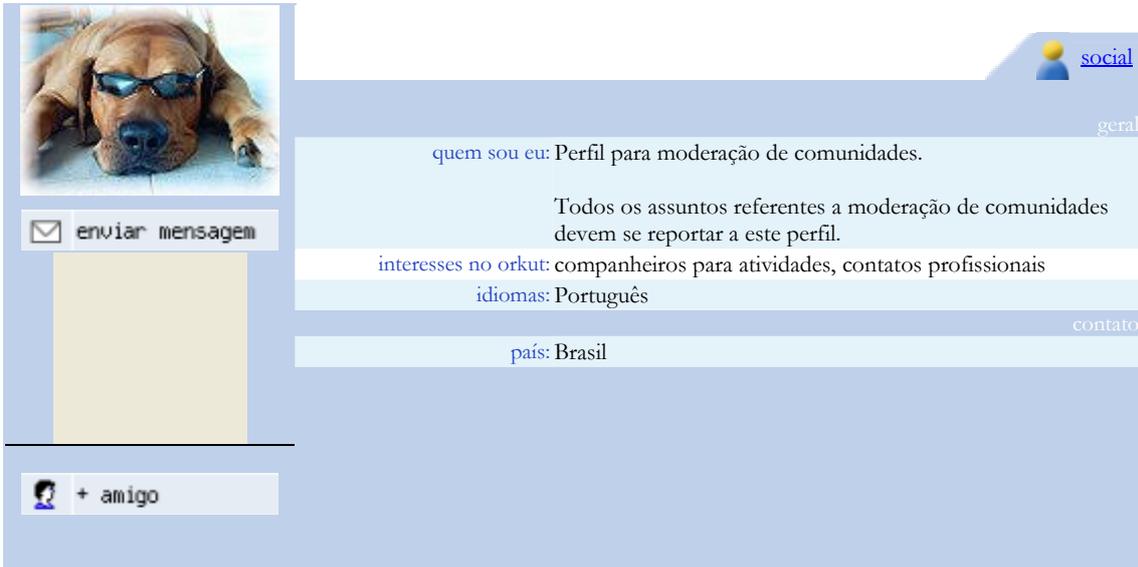
⁵ Sobre o assunto: CORRÊA, Manoel Luiz Gonçalves. **O modo heterogêneo de constituição da escrita**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

ponto alto das críticas sobre o internetês, pois segundo a descrição da comunidade “Eu escrevo certo em português” (Figura 1), aquele que não domina a escrita padrão não foi à escola, não sabe escrever certo e, conseqüentemente, está excluído do grupo que propõe a devolução da língua portuguesa (“Devolvam-na já!”). Vale ressaltar, ainda, que na descrição da mesma comunidade (Figura 1), há o reducionismo extremo da concepção de língua como instrumento de comunicação (“As línguas não foram criadas para nos diferenciar uns dos outros, mas sim para que possamos nos comunicar!”), o que implica apagar uma série de funções inerentes à existência das línguas – uma complexidade em vários sentidos (REVUZ, 1992 [1998⁶]) –, bem como suas relações com o sujeito.

Ainda na descrição da comunidade “Eu escrevo certo em português” (Figura 1), notamos que o excerto: ‘Não é necessário que se escreva certo, seja literato, nem membro da ABL -- basta tentar escrever certo, porra!’ se relaciona de maneira contraditória em relação aos demais e, ao mesmo tempo, mostra-se como uma imposição, na medida em que expressa a idéia de que não é preciso escrever certo, mas é necessário tentar para que se possa entrar numa ordem do discurso (FOUCAULT, 1971 [2003]), atender a um ideal de escrita correta exigido na escola (aquisição de conteúdos e regras), embora isso nem sempre seja o que acontece com ‘literato’ e ‘membros da ABL’ – eles têm outro estilo de escrita que muitas vezes não se enquadra na norma (mas eles podem!, outro imaginário que circula). O próprio nome dado à comunidade (Figura 1) propõe a existência de uma dicotomia: o certo e o errado, e quem não escreve certo, a partir da norma, escreve errado (“pessoal que escreve errado, insiste em escrever errado”) e, possivelmente, não poderá fazer parte dessa comunidade que tem como dono o [Moderador Língua Portuguesa](#). Esse nome não é atribuído por acaso, ele traz em si um propósito bastante significativo: moderar ou conter os limites, regerar, regular, idéia também presente na descrição do ‘quem sou eu’ (todo membro terá, necessariamente, que se referir ao moderador), bem como na foto, conforme podemos notar na Figura 3:



⁶ A língua nos constitui, ela é “o material fundador de nosso psiquismo e de nossa vida relacional” (REVUZ, 1992 [1998, p.217]). Desse modo, parece não haver língua que possa ser vista somente como instrumento de comunicação.



social

geral

quem sou eu: Perfil para moderação de comunidades.

Todos os assuntos referentes a moderação de comunidades devem se reportar a este perfil.

interesses no orkut: companheiros para atividades, contatos profissionais

idiomas: Português

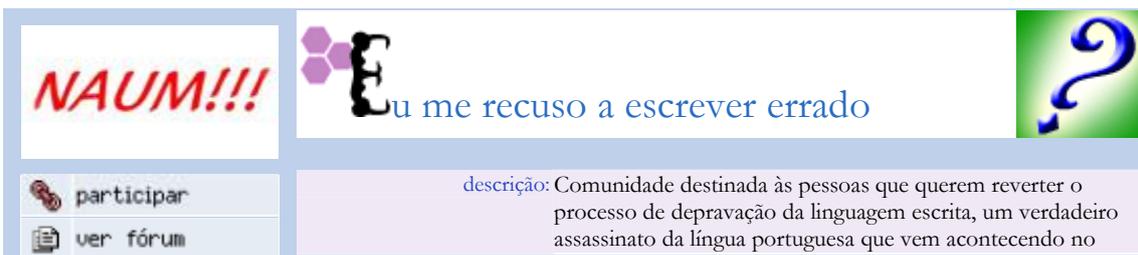
contato

país: Brasil

+ amigo

Figura 3: <http://www.orkut.com/Profile.aspx?uid=1280314806935740337> – (Acesso em 27/04/2006)

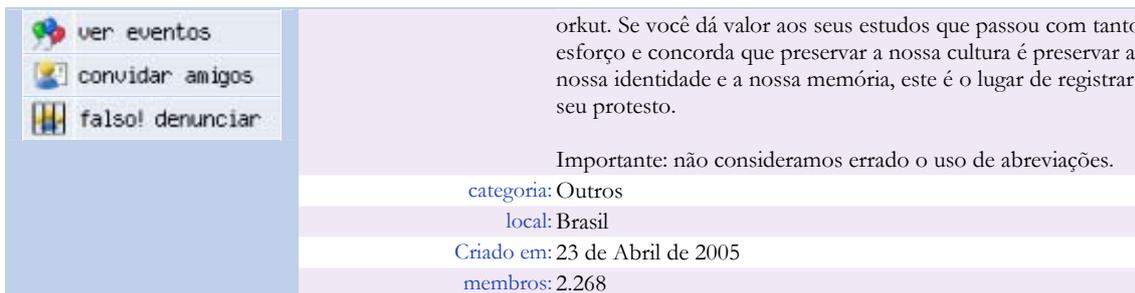
Muitas dessas características apontadas se mostram como uma regularidade em outras comunidades que foram criadas para discussões e participações daqueles que *odeiam o internetês* ou que *amam escrever certo*. A idéia presente nelas é quase sempre a mesma: os preconceitos contra aqueles que usam o internetês aparecem todos misturados e são mencionados, algumas vezes, conforme lembra Possenti (2006), como se os fatos diversos fizessem parte do mesmo pacote. Os clichês se repetem: as pessoas (ou os jovens) são iletradas, estão fazendo nossa língua regredir, estão destruindo nossa tão primorosa língua portuguesa, etc., tudo porque eles usam a grafia que foge às regras da língua padrão, e isso é ‘errado’. Na comunidade “Eu me recuso a escrever errado” (Figura 4), o imaginário presente também está relacionado à extinção da língua portuguesa padrão na rede, bem como ao apelo no que diz respeito à preservação, que, de acordo com a descrição, está diretamente ligada à preservação também da cultura, identidade e memória dos falantes da língua. Vejamos, a seguir:



participar

ver fórum

descrição: Comunidade destinada às pessoas que querem reverter o processo de depravação da linguagem escrita, um verdadeiro assassinato da língua portuguesa que vem acontecendo no



orkut. Se você dá valor aos seus estudos que passou com tanto esforço e concorda que preservar a nossa cultura é preservar a nossa identidade e a nossa memória, este é o lugar de registrar seu protesto.

Importante: não consideramos errado o uso de abreviações.

categoria: Outros
local: Brasil
Criado em: 23 de Abril de 2005
membros: 2.268

Figura 4: <http://www.orkut.com/Community.aspx?cmm=1917534> – (Acesso em 27/04/2006)

Na descrição acima, notamos, ainda, uma memória do discurso escolar que aponta para a ‘influência’ negativa do internetês na língua escrita (‘adquirida pelos falantes com muito esforço’). Esses dizeres são tomados como verdades, e se repetem, embora num processo de (re)significação, a partir de outros discursos presentes na sociedade. Para especialistas em linguagem, como a professora Marisa Lajolo⁷, da UNICAMP, reagir à entrada do internetês nas salas de aula é inevitável, pois se trata de uma linguagem que tem a mesma função das gírias, isto é, são termos utilizados para definir um grupo social, uma tribo grande e em expansão. Porém, outras opiniões a respeito do assunto, de acordo com matéria publicada pela Folha de São Paulo em 24/04/2005, apontam que o uso do internetês pode se tornar um grande problema, uma vez que o ensino ortográfico é feito principalmente pela memória visual, e a utilização constante dessa linguagem poderá prejudicar a aprendizagem da forma correta das palavras. Novamente, a representação de língua está pautada na ortografia. Se usar abreviações não é considerado um erro, as várias comunidades que *odeiam o internetês* ou que *amam escrever certo* parecem sustentar a concepção de erro ancorada no uso de uma grafia (outra) não pautada na norma culta padrão da língua escrita.

Essa língua(gem), então, parece ser somente uma forma de demarcar espaços e criar marcas, como é próprio da geração jovem, que utiliza formas e formas para se comunicar. Além disso, o chamado internetês é uma linguagem já bastante conhecida, e impedir o seu uso seria tão impossível como evitar a mistura de raças e de cores. Trata-se, ainda, de uma mudança, uma transformação, como qualquer outra (comportamento, linguajar, vestimenta, etc.), que acontece e se fortalece por meio dos processos de

⁷ In: GOIS A. **Pq us jovens tc axim?**, Folha de S.Paulo, C6, 24 de abril de 2005.

identificação, e não fazer uso ou estar por fora dessa linguagem pode ser um fator de exclusão. A emergência das novas tecnologias de comunicação está inserida em um cenário político totalmente marcado pelo capitalismo internacional e pela mundialização cultural. Assim, há uma (des)territorialização dos bens culturais e um aumento progressivo de trocas simbólicas que propiciam a (trans)formação do sujeito do meio digital, que se encontra na tensão entre a busca por pertencer a uma comunidade e o desejo de ter a liberdade que aquela parece privar. Para Bauman (2005), esses valores preciosos podem ser equilibrados, porém dificilmente conseguirão ser completamente conciliados.

Nesse processo de escrita do/no *orkut*, o sujeito se (re)vela na (re)construção de um eu em que a subjetividade é fabricada, apontando para a produção de sentidos outros e para a manifestação das muitas identificações. Esses efeitos de subjetivação são produzidos pela dobra que, segundo Deleuze (1988 [2005, p.107]), funciona “como se as relações do lado de fora se dobrassem, se curvassem para formar um forro e deixar surgir uma relação consigo, constituir um lado de dentro que se escava e desenvolve segundo uma dimensão própria”. Nessa perspectiva, o imaginário sobre a (linguagem) internet(ês), por sua vez, é produzido pelo e a partir do outro, num tempo e espaço (in)determinados, tendo como consequência a formação das identidades, na medida em que os discursos constituem o sujeito e, embora ele seja “aparentemente bem pouca coisa, as interdições que o atingem revelam logo, rapidamente, sua ligação com o desejo e com o poder” (FOUCAULT, 1971 [2003, p.10]).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAUMAN, Zygmunt. **Identidade: entrevista a Benetto Vecchi**. Trad. Carlos A. Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
- CAMPILONGO, Maria Assunta. **A noção de sujeito em Michel Foucault**. In: Revista Educação, Subjetividade e Poder. Porto Alegre: UFRGS, 1999, nº 6, v.6, p.63-72.
- CORACINI, Maria José Rodrigues Faria. **Língua estrangeira e língua materna: uma questão de sujeito e identidade**. In: CORACINI, Maria José Rodrigues Faria (org.). *Identidade & Discurso: (des)construindo subjetividades*. Campinas: Ed. UNICAMP, 2003, p.139-159.

- DELEUZE, Gilles. **Foucault**. 5ª reimpressão da 1ed. São Paulo: Brasiliense, 2005.
- FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. 9ed. São Paulo: Edições Loyola, 2003.
- GOIS, Antonio. **Pq us jovens te axim?**. In: Folha de S.Paulo, C6, 24 de abril de 2005.
- GRIGOLETTO, Marisa. **Representação, identidade e aprendizagem de língua estrangeira**. In: CORACINI, Maria José Rodrigues Faria (org.). *Identidade & Discurso: (des)construindo subjetividades*. Campinas: Ed. UNICAMP, 2003, p.139-159.
- GUATTARI, Félix & ROLNIK, Suely. **Micropolítica: cartografias do desejo**. 7ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.
- HALL, Stuart. **A identidade Cultural na Pós-Modernidade**. 10ed. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2005.
- KOMESU, Fabiana Cristina. **Internetês para interneteiros: (velhas) questões sobre escrita**. In: Revista de Estudos Lingüísticos XXXVI(3). Araraquara: UNESP/UNIP, setembro-dezembro 2007, p.100-107.
- PÊCHEUX, Michel. **O discurso: estrutura ou acontecimento**. 3ed. Campinas: Pontes, 2002.
- POSSENTI, Sírio. **Você entende internetês?**. In: Revista Discutindo Língua Portuguesa. São Paulo, no02, Disponível em: <http://www.discutindolinguaportuguesa.com.br/reporteinternet.asp>
(Acesso em: 21 jun.2006).
- REVUZ, Christine. **A língua estrangeira entre o desejo de um outro lugar e o risco do exílio**. In: SIGNORINI, Inês (org.). *Língua(gem) e identidade: elementos para uma discussão no campo aplicado*, Campinas: Mercado de Letras; São Paulo: Fapesp, 1998, p.231-64.